

Um repórter das políticas de comunicação

*Murilo César Ramos**

Os agradecimentos são os de praxe, nem por isso meros registros protocolares, sem a sinceridade profunda que a ocasião exige. Muito obrigado à Intercom, em especial à Comissão Julgadora do Prêmio Luiz Beltrão de Maturidade Acadêmica, pela honra a mim conferida neste ano de 2005. Honra inesperada, que chegou com surpresa, mas que me encheu de alegria e orgulho.

Sentimentos que divido com todos os meus colegas professores e professoras da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, os que lá estão hoje e os que comigo conviveram no passado; com todos os nossos servidores técnico-administrativos, de hoje e de ontem; e com todos os alunos e alunas que em 23 anos de docência e pesquisa foram as testemunhas mais diretas das minhas inseguranças e fraquezas que, com a máxima força de vontade possível, tentava transformar a cada aula, a cada orientação, no empenho e a dedicação necessários à docência responsável e solidária.

Como tantos outros colegas, amigos e amigas, da minha geração, tornei-me professor universitário por circunstâncias. Da frustração de uma graduação academicamente muito frágil veio o desejo, lá pelos meados da década de 70 do século passado, de seguir adiante e cursar estudos de pós-graduação. O desejo era simplesmente o de estudar, de obter uma formação intelectual que nem a prática precoce do jornalismo fora capaz de prover. Essa oportunidade surgiu, ainda que por caminhos tortuosos, com a oportunidade de entrar na Universidade de Brasília, pelas mãos de dois amigos a quem sempre serei grato: Luiz Gonzaga Motta e Marco Antônio Rodrigues Dias. Amigos a quem devo também o gosto pela área de estudo à qual viria, com o tempo, me dedicar: a das políticas de comunicação.

* Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), vencedor do Prêmio Luiz Beltrão 2005, categoria Maturidade Acadêmica.

Mas, entre a mudança de Curitiba para Brasília, o exercício de funções administrativas na UnB em tempos de grande radicalidade política, os quatro anos de estudos de pós-graduação nos Estados Unidos, os 23 anos de docência subseqüentes, e este momento de reconhecimento que hoje vivo, o trajeto foi longo e penoso.

Poucas atividades profissionais exigem tanto de nós quanto a docência. Não se trata apenas de estudar, pesquisar, transmitir e compartilhar conhecimento. Não se trata apenas de capacitar novos e competentes profissionais. Trata-se sobretudo de ajudar, de modo privilegiado, a formar consciências para a vida pública e a cidadania. Modo privilegiado porque quase no mesmo plano que aquele reservado à família.

Por isso é tão difícil entrar em uma sala de aula. Difícil porque muitas vezes não fomos suficientemente preparados para isso, e mais difícil ainda porque para exercermos o papel formador que nos cabe é preciso ser, além de solidário com o estudante, humilde na relação com eles, com nossos pares, e com a imensidão do conhecimento. Mas solidariedade e humildade não são, lastimo dizer, as moedas mais correntes na academia. Em geral somos treinados para a soberba de quem tudo deve dominar e saber, como se a dúvida não fosse a arma mais poderosa do intelectual, na academia e fora dela.

Foram as certezas, não as dúvidas, que derrubaram no final dos anos 80 do século XX as experiências concretas dos sonhos socialistas. Cânones são importantes na academia e na vida como referências basilares, e não como quadros dogmáticos que engessam pensamentos e atitudes.

São as certezas, não as dúvidas, que estão a corroer hoje, no Brasil, a mais concreta experiência partidária que existiu no país, fundada sobre alicerces morais e éticos sem os quais nenhuma política pode existir.

Por isso, quando um dia, ao final de uma aula, um aluno ou aluna vem nos dizer que chegou ao fim do semestre com mais perguntas do que respostas, sabemos que realizamos bem nosso papel. É muito difícil, porém, resistir à tentação de parecermos mais sábios do que somos ao custo de querer ocupar por inteiro o cérebro de nossos, em geral, indefesos alunos e alunas. A sala de aula é um espaço

privilegiado de poder. E poucos poderes são mais avassaladores do que o da pretensão do conhecimento universal.

Gosto de pensar que jamais procurei exercer tal poder, mas não posso estar certo disso. Muitas vezes o exercemos sem querer, em um movimento de auto-defesa que consideramos legítimo, contra as inseguranças, didáticas ou programáticas, que nos negamos a deixar transparentes.

Daí a importância da maturidade na vida intelectual, mesmo quando ela nos atinge de sopetão, sem que nos demos bem conta disso, crenças de que a renovação cíclica do corpo discente é para nós um inesgotável elixir da juventude.

A maturidade é o tempo de rever o passado para arrumar o presente enquanto temos ainda um futuro (e que me seja perdoada aqui a frase feita, mais próxima da banalidade dos textos de auto-ajuda do que da profundidade que se deve esperar de um acadêmico maduro). Foi ao ver se aproximar a maturidade que decidi rever o meu trabalho acadêmico dos últimos 15 anos, justamente aquele que, acredito, me rendeu essa inestimável homenagem da Intercom e de meus pares do corpo de julgadores do Prêmio Luiz Beltrão.

Até então eu tinha dificuldade de me ver como um pesquisador, e preferia me acreditar um professor de comunicação, jornalista na origem profissional, que tinha feito uma série de registros sobre um período singular das políticas de comunicação no Brasil: o que foi do início das discussões sobre uma lei para a televisão a cabo à privatização das empresas Telebrás, cobrindo quase toda a década de 90 do século passado. Registros alguns até relevantes, admito, em especial por captar o movimento tecnológico que iria se tornar quase avassalador no final da década: o das comunicações digitais e suas redes de banda larga. Por isso, menos do que um pesquisador, sentia-me mais um privilegiado 'repórter das políticas de comunicação'. E assim me sentia muito sinceramente, sem qualquer auto-indulgência ou falsa modéstia.

Daí porque, por exemplo, transformei o que seria um livro regular, aprovado para publicação pela Editora da Universidade de Brasília, em um livro-eletrônico, muito mais próximo do conjunturalismo dos meus registros do que o seria uma publicação em papel, claramente datada e, por isso, facilmente perecível.

Assim, depois de cumprir um mandato, que busquei, de quatro anos na direção da Faculdade de Comunicação da UnB, entre 1999 e 2003, mergulhei em um período de estudo, pesquisa e reflexão, cujo fim deveria ter sido um texto, talvez um livro, mas que, coerentemente com o meu jeito militante de ser, tornou-se um projeto coletivo: a recriação em nosso programa de Pós-Graduação do Laboratório de Políticas de Comunicação, o mesmo formato de grupo de pesquisa que foi instrumental para o aporte acadêmico que demos, na UnB, à discussão e elaboração da Lei de TV a Cabo e ao Capítulo da Comunicação da Lei Orgânica do Distrito Federal.

O LaPCom redivivo não é, porém, apenas a nova edição de um projeto acadêmico que ficara incubado por quase dez anos. Ele é acima de tudo a materialização da continuidade, em nosso Programa de Pós-Graduação, da linha de pesquisa que o inaugurara 31 anos atrás, em 1974 – a das políticas de comunicação. Primeiro, e por pouco tempo, em uma perspectiva funcionalista, positiva e desenvolvimentista. Depois, em perspectiva crítica, marxiana, assentada sobre pilares teórico-conceituais, ainda pouco sólidos naquele tempo, é verdade, emprestados da economia política, e da sociologia e politicologia críticas.

Continuidade é pré-requisito indispensável para se fazer pesquisa científica com consistência. Continuidade não tem sido, porém, um atributo que distingue a área científica da Comunicação. Sei que ao afirmar isto, corro o risco da soberba, da falta de humildade que há pouco critiquei. Mas, o farei assim mesmo, na expectativa de contribuir para uma reflexão que julgo importante para nós, pesquisadores da Comunicação. A descontinuidade de grandes temas, de vertentes teóricas, de metodologias e, sobretudo, de autores tem prejudicado, acredito, o avanço científico da área. Na falta de cânones e de autores clássicos, muitas vezes nos assemelhamos a surfistas, cuja aventura náutica é sempre curta, ao invés de procurarmos nos assemelhar a navegadores de longo curso, em busca de portos distantes a que só se chega com muita cautela e pertinácia.

É inegável, porém, que, desde os 70 do século passado, primeiro com a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação, a Abepec, que se extinguiu no início dos anos 80; em seguida com a

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom, e mais recentemente com a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, a Compós, a cultura acadêmico-científica de nossa área evoluiu significativamente. Não obstante eventuais ondas de ecléticos modismos, causadoras de prejudiciais descontinuidades.

A continuidade é, pois, uma ambição clara do projeto do Laboratório de Políticas de Comunicação. Ambição só igualada por outro desejo acadêmico que não é apenas nosso, na UnB, mas da maioria dos que militam na área da Comunicação: a integração cada vez maior entre graduação e pós-graduação.

Costumo dizer que na UnB, apesar de muitos esforços em contrário, subsiste ainda, em larga escala, o fosso entre nossas propostas pedagógicas de graduação e pós-graduação. Nesta, a ambição científica, a sofisticação teórica, as elevadas pretensões intelectuais: naquela, o pragmatismo da formação técnico-profissional, o degredo das teorias e conceitos para os becos sem saída das grades curriculares. Este é um impasse pedagógico que se evidencia com toda a clareza quando egressos de nossos cursos de graduação batem às portas dos mestrados. Só então vemos que, com as raras exceções dos iniciados cientificamente, uma ainda grande maioria se atrapalha com a definição de temas de pesquisa, e, principalmente, com os enquadramentos teórico-metodológicos.

Em poucas palavras, foram estas as reflexões que consegui articular para este dia tão especial de minha vida. As reflexões de um jornalista na origem, que se fez professor por circunstâncias, que chegou à pesquisa pela via singela do registro de momentos importantes das políticas de comunicação em nosso país, e que, ao atingir a maturidade, independentemente da honra que eventualmente lhe seria atribuída, redebruçou-se sobre o projeto acadêmico mais importante que conseguira um dia produzir. Redebruçou-se para voltar a ter em torno de si um grupo de pesquisa capaz de dar continuidade a três décadas de empenho da Faculdade de Comunicação da UnB em estudar e pesquisar as políticas de comunicação.

Só que agora, é preciso ressaltar, esse grupo de pesquisa, o Laboratório de Políticas de Comunicação, está fincado não apenas no

olimpico restrito da pós-graduação, mas também na base essencial dos estudos de graduação. Uma contribuição singela, mas relevante, espero, para a idéia de que nossos cursos de Comunicação, desde a graduação, devem se aproximar cada vez mais das ciências sociais em sentido lato, ao invés de se darem a conhecer tão somente como formadores de profissionais em sentido estrito.

Muito obrigado!